

As estratégias de reprodução na agricultura familiar em Turvo (SC)

João Marcos Minatto*
Walquíria Krügger Corrêa**

Resumo

O objetivo deste trabalho é analisar as transformações ocorridas no espaço agrário de Turvo, a partir da expansão das relações capitalistas de produção, focalizando as estratégias de reprodução familiar. A área em questão localiza-se no sul de Santa Catarina e tem sua base econômica fundamentada nas atividades agropecuárias, exploradas em pequenas propriedades fundiárias com mão-de-obra familiar. Com a difusão da modernização na agricultura, a base produtiva foi alterada e se desenvolveram atividades agrícolas especializadas para o suprimento do mercado, merecendo destaque o arroz irrigado (principal cultivo), fumo, frangos e suínos. Além disso, os produtores adotam estratégias múltiplas para se reproduzir. As tendências indicam a revitalização da diversificação das atividades agropecuárias, tanto para abastecer o mercado, quanto para o autoconsumo familiar.

Palavras-chave: agricultura familiar, inovação tecnológica, estratégias de reprodução social.

Abstract

The aim of this work is to analyze the transformations occurred in the agrarian sphere of Turvo after the expansion of the capitalist relations of production, focusing on the strategies of family reproduction. Turvo is in the south of Santa Catarina, and

* Mestre em Geografia pela Universidade Federal de Santa Catarina – Programa de Pós-Graduação em Geografia (minatto@cfh.ufsc.br)

** Doutora em Geografia, professora do Departamento de Geociências da UFSC

its economy is based on farming and cattle raising, explored in small properties owned by families, which also provide the main workmanship. Along with the modernization in agriculture, the productive base has changed and specialized agricultural activities were developed to attend the market – in this irrigated rice (as the main product), tobacco plant, chicken and swine can be highlighted. Moreover, the producers adopt various strategies to reproduce themselves. The tendencies indicate a revitalization of the diversification of the farming and cattle raising activities, as much as to attend the market, as to auto-sustainability.

Key Words: Family agriculture, technological innovation, strategies of social reproduction.

Introdução

Nos últimos anos, a agricultura familiar se tornou alvo de intensos debates, conferindo ampla atenção à importância do segmento às mudanças do padrão agrícola tecnológico e aos efeitos sociais e econômicos no espaço rural e urbano. Neste contexto, a agricultura familiar “conquista” status político institucional, sendo reconhecida como forma de produção diferenciada.

Diversos estudos¹ vêm apontando que, a partir da década de 1970, intensificou-se a modernização tecnológica da agricultura brasileira: as atividades agropecuárias se especializaram e passaram a usar equipamentos, insumos químicos, sementes geneticamente modificadas, sistemas de irrigação e drenagem, raças de alta linhagem, rações e produtos veterinários, dentre outros. A ação do Estado foi fundamental na viabilização de tal processo, instituindo o Sistema Nacional de Crédito Rural – SNCR (1965), atendendo determinadas regiões, produtos e classes de proprietários, favorecendo interesses industriais, aí incluídas as agroindústrias e as cooperativas.

¹ Ariovaldo Umbelino de Oliveira (1995), Guilherme da Costa Delgado (1985), José Graziano da Silva (1999) e Maria de Nazareth Wanderley (1995), dentre outros.

Os mecanismos institucionais e os instrumentos da política agrícola brasileira também alcançaram o município de Turvo, localizado no sul de Santa Catarina. As características naturais da área, conjugadas aos aspectos da estrutura agrária – pequenas unidades fundiárias e mão-de-obra familiar – possibilitaram o desenvolvimento das atividades especializadas para suprimento do mercado, destacando-se os cultivos de arroz irrigado, fumo e milho. Na criação se sobressaíram aves e suínos.

A rizicultura recebeu atenção especial do Estado a partir de 1981, através do Programa Nacional para Aproveitamento de Várzeas Irrigáveis – PROVARZEAS, viabilizando a execução de obras de drenagem e financiando a produção. Outros cultivos, como feijão e mandioca, por exemplo, não foram contemplados com os financiamentos e cederam parte do seu espaço para as atividades especializadas. Muito embora com área reduzida, tais cultivos não foram totalmente eliminados e continuam sendo explorados, mantendo sua fundamental importância para as unidades de produção familiar.

De modo geral, o agricultor familiar especializado, rompeu sua auto-suficiência e intensificou sua relação com o capital urbano-industrial, tornando-se cada vez mais dependente e atrelado aos mecanismos estruturais do mercado. A partir daí, aumentaram os custos de produção, surgindo muitas dificuldades de reprodução. Assim, as famílias adotam ou criam estratégias² para se reproduzir, assegurando a sua permanência no meio rural, sendo este fato um indicativo de resistência.

Este trabalho teve por objetivo analisar as mudanças estruturais ocorridas no espaço agrário a partir das inovações

² A noção de estratégias de reprodução usada neste trabalho se assemelha à proposta de Tedesco (1999, p.16): “... entendemos estratégias como o conjunto de ações ordenadas por indivíduos ou grupos (família) que objetiva, em curto prazo ou médio tempo, reproduzir-se e reproduzir condições de reprodução, tendo sempre presente o estado dos mecanismos de reprodução disponível.”

tecnológicas da agricultura e as estratégias dos agricultores para se reproduzir e permanecer no meio rural.

Torna-se oportuno explicar o que se entende por agricultura familiar – objeto de investigação. Para isso, adotou-se a concepção de LAMARCHE (1993, p.15), ao considerar que a exploração familiar “...corresponde a uma unidade de produção agrícola onde propriedade e trabalho estão intimamente ligados à família”.

Os agricultores familiares constituem um segmento heterogêneo, apresentam uma diversidade de características, entre as quais se destacam, por exemplo, a forma de organizar a produção, a área de exploração e o grau de modernização. Assim, para identificar o objeto de estudo, no plano empírico, pautou-se em três critérios usados no relatório da FAO/INCRA (1996): 1) a gerência da propriedade é realizada pela família; 2) a maior parcela do trabalho é fornecida pelos membros do grupo familiar, e, 3) a propriedade dos meios de produção pertence a família (as vezes, com exceção da terra).

Para alcançar o objetivo proposto, num primeiro momento, foi analisada a bibliografia pertinente à temática e à área de pesquisa. No segundo foram coletados dados e informações no Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE sobre: estrutura fundiária, uso da terra, tecnologia de produção e relações de trabalho. Nessa etapa também foram levantadas informações sobre o espaço agrário, na Cooperativa Regional Agropecuária Sul Catarinense Ltda (sediada em Turvo) e na Empresa de Pesquisa Agropecuária - EPAGRI/local. Por último, foram realizadas 24 entrevistas com os agricultores em duas comunidades rurais do município, eleitas pela diversidade de especializações agropecuárias: rizicultura, fumicultura, avicultura e pecuária.

As entrevistas foram conduzidas com base num roteiro de perguntas semi-estruturadas. Deu-se prioridade aos estabelecimentos rurais com até 30 hectares, sendo entrevistado o chefe do estabelecimento.

O trabalho foi estruturado da seguinte forma: a primeira parte resgata, de forma sucinta, alguns mecanismos que viabilizaram as

transformações estruturais na agricultura brasileira. A segunda mostra as características de Turvo, focalizando o processo de ocupação e as características geoeconômicas. Na sequência apresentam-se as especializações agropecuárias, ressaltando o papel da cooperativa e das agroindústrias na difusão dos pacotes tecnológicos. Por fim, aborda a lógica da reprodução familiar e o projeto futuro do segmento familiar.

As inovações tecnológicas na agricultura brasileira

No período contemporâneo as transformações estruturais ocorridas no espaço agrário brasileiro estão relacionadas com a modernização tecnológica da agricultura. É importante notar que, a partir da década de 1960, começaram a instalar-se no Brasil as indústrias de máquinas e insumos agrícolas, dando suporte à implementação do modelo agrícola tecnológico. Segundo TEDESCO (2001), o Estado Modernizador objetivava aumentar a produção agropecuária para abastecer os mercados interno e externo, atendendo aos interesses industriais e rurais. E, realmente, transformou-se o processo produtivo ocorrendo a integração agricultura-indústria. A agricultura inseriu-se definitivamente na esfera mercantil, contribuindo para acumulação do capital urbano-industrial.

Para implantar o projeto de modernização da agricultura, o Estado criou uma série de mecanismos, marcando, além do SNCR, a reformulação do aparato institucional no que diz respeito à assistência técnica e pesquisa agropecuária. Nesse contexto, criou-se a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA) e a Empresa Brasileira de Assistência Técnica e Extensão Rural (EMBRATER), responsáveis pela pesquisa e assistência técnica no país. Como diz GRAZIANO DA SILVA (1999), a partir daí as pesquisas agropecuárias passaram a centrar-se nos produtos agrícolas, e para cada cultivo foi criado um conjunto de tecnologias específicas direcionadas ao aumento da produtividade física.

Assim, modificou-se a relação entre agricultura e indústria e, conseqüentemente, entre o meio rural e o urbano, configurando-se

uma nova dinâmica no processo de produção agropecuária, e refletindo-se também na organização do espaço. Desse modo, em áreas onde se desenvolve a agricultura familiar, as atividades de subsistência cederam espaço para a produção de mercado. Em outros termos, como diz MÜLLER (1989), *a policultura foi encurralada* e seu lugar foi ocupado pela produção mercantil especializada.

No processo, a agricultura incorporou o “modo industrial” de produzir, e segundo OLIVEIRA (1995: 95), ela “...vem sendo feita no interior do processo de internacionalização da economia brasileira, ou seja, a lógica contraditória do desenvolvimento capitalista na agricultura se fez e se faz, no seio de um capitalismo mundializado”.

Analisando o ônus do modelo de modernização agrícola, ALMEIDA (1999) afirma que ele provocou o recuo de determinadas práticas tradicionais, como produção de subsistência e policultura, rotação de cultura/pecuária e abandono das práticas de recuperação do solo através da fertilização orgânica. O resultado é a crescente subordinação da pequena produção familiar às agroindústrias ou cooperativas e seu conseqüente endividamento.

Com o mercado globalizado, a partir da década de 1990 são impostas novas demandas ao espaço rural, que se refletem em áreas onde se desenvolve a agricultura familiar. O segmento enfrenta dificuldades crescentes do ponto de vista econômico para acompanhar a nova lógica de produção, marcada por novos padrões tecnológicos e concorrência, pois a acelerada obsolescência de equipamentos impõe a adoção de novas técnicas e aquisição de novos equipamentos. Os elevados custos das inovações vêm resultando em exclusão social do processo produtivo e do mercado.

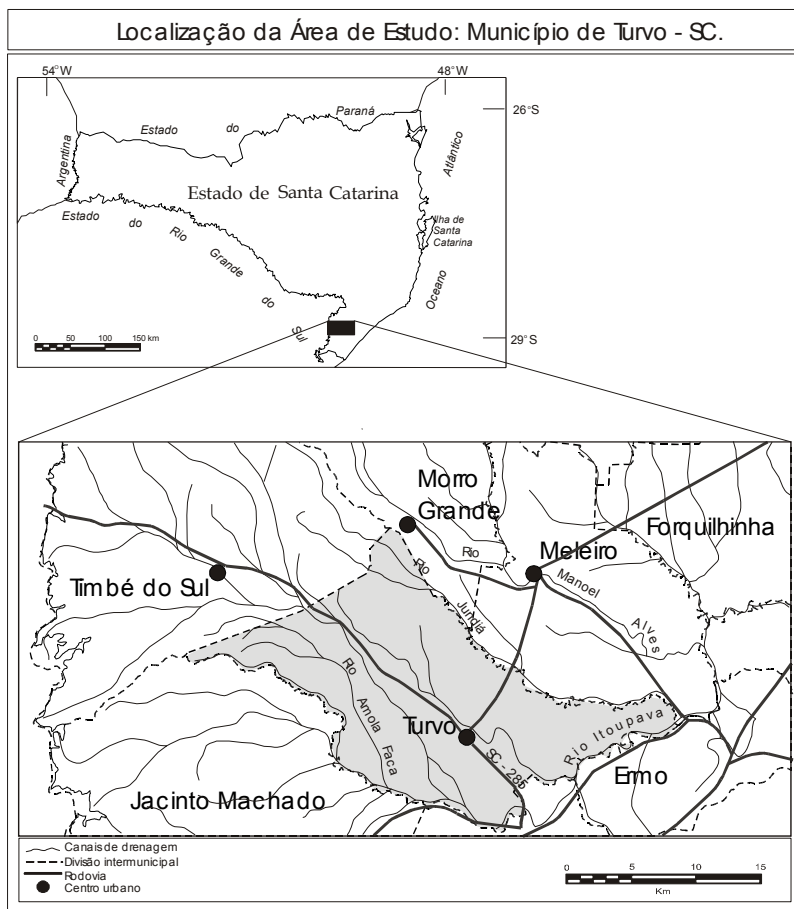
Em conjunto, estes fatores servem de base para compreender os efeitos do processo de modernização agrícola nas unidades de produção familiar no município de Turvo (SC).

Turvo: as características geoeconômicas

Com área de 360 km², o município de Turvo localiza-se no sul de Santa Catarina (figura 1) e integra a microrregião do Extremo Sul Catarinense. Em 1996 sua população rural totalizava 7.730 habitantes e a urbana, 5.048 (IBGE, 1995/96).

As características naturais favoreceram a ocupação de Turvo: o relevo é constituído predominantemente por áreas planas (80%) e pequenas elevações, solo fértil, o que favorece as práticas agropecuárias. Além disso, diversos rios cortam o município, desempenhando papel fundamental na irrigação das lavouras. Estes elementos – relevo, solo e hidrografia – juntamente com o clima, favorecem o desenvolvimento de cultivos temporários e permanentes, permitindo, em algumas lavouras, a prática de dois plantios anuais, como, por exemplo, milho e feijão.

A colonização de Turvo teve início em 1913, quando lá se instalaram imigrantes italianos ou descendentes. De acordo com depoimentos de colonizadores – descendentes da primeira geração de italianos que emigraram para o sul de Santa Catarina –, os imigrantes eram trabalhadores agrícolas em sua pátria de origem, mas lá a terra era insuficiente para prover o sustento do grupo familiar, e, na maioria dos casos não era propriedade sua. Assim, a emigração surgiu como opção quando o Novo Mundo acenava com a possibilidade de eles se tornarem pequenos proprietários de terra. Nas entrevistas realizadas, constatou-se que se produzia milho, feijão, mandioca, arroz, abóbora, batata-doce, cana-de-açúcar, trigo, café, cebola, tomate, cenoura e repolho. Na pecuária, destacavam-se as criações bovina, eqüina, suína, além de várias espécies de aves, tais como, galinhas, perus e marrecos. Os animais forneciam carne, banha, ovos, leite e derivados. Os bois e os cavalos auxiliavam no preparo da terra, servindo ainda como transporte agrícola e como força motriz em engenhos de cana-de-açúcar, nos quais produziam-se açúcar, melado, rapadura e aguardente. Além disso, os dejetos de animais também eram aproveitados para recuperar a fertilidade do solo.



Ainda, em relação à pecuária, destacava-se a criação de gado leiteiro. O leite era consumido *in natura* ou na forma de manteiga e queijo, que juntamente com a polenta, se constituíam na alimentação preferida dos colonizadores. Os suínos proporcionavam carne, toucinho, torresmo e banha. As aves eram criadas nos arredores das casas, nas proximidades dos silos ou

mesmo nas capoeiras. Ou seja, nos primeiros tempos, os colonos imigrantes italianos dedicaram-se ao cultivo diversificado e à criação de animais, cuja principal finalidade era suprir as necessidades básicas de alimentação do grupo doméstico.

É importante notar que, durante as primeiras décadas do povoamento, a quantidade de carne suína, toucinho, banha, farinha de mandioca e de milho, açúcar mascavo e aguardente, além de outros produtos, excedia a necessidade de consumo da família. Assim, parte da produção era encaminhada para o incipiente mercado local e regional. Contudo, a inexistência de um grande mercado consumidor nacional, a precariedade das estradas e o rudimentar sistema de comercialização constituíam-se num entrave para o escoamento e comercialização da produção no início do processo de colonização.

Já nos primeiros tempos, alguns colonizadores construíram diversos tipos de indústrias artesanais, com equipamentos rústicos, utilizando como força a roda d'água ou a tração animal. Em algumas unidades de produção se formou um *complexo de pequenas agroindústrias artesanais*, reunindo atafonas, engenhos de cana-de-açúcar e de mandioca, alambiques, descascadores de arroz, *fabriquetas de artefatos* e torrefação de café. Mas, nem todos agricultores possuíam tais artefatos, por isso, quando necessitavam beneficiar a produção (arroz, milho, mandioca, café e outros), pagavam um percentual da produção pelo serviço.

Embora os engenhos artesanais tenham desempenhado papel importante na subsistência e na economia dos colonizadores, a partir da década de 1960, o processamento agrícola artesanal entrou em decadência e os engenhos e atafonas desapareceram da paisagem de Turvo.

Convém salientar que, a exemplo de outras regiões de Santa Catarina e do Brasil, Turvo também foi alvo do projeto de modernização agrícola. Os produtores familiares se especializaram nos cultivos de arroz e fumo e na criação de aves e suínos, incorporando pacotes tecnológicos industriais.

As especializações agrícolas: a ação das agroindústrias e da cooperativa

Entre os agentes difusores do projeto de modernização da agricultura de Turvo, sobressaem-se as agroindústrias processadoras de alimentos e a Cooperativa Regional Agropecuária Sul Catarinense (COOPERSULCA).

A ação das agroindústrias iniciou na década de 1950, com a lavoura do fumo. Posteriormente, ocorreu a especialização de suínos e frangos, respectivamente nas décadas 1970 e 1980. Houve um rompimento com a produção artesanal, ocasionando significativas alterações técnicas no processo produtivo. Os agricultores tornaram-se produtores especializados de matérias-primas para as agroindústrias que, por meio de contratos, estabeleceram exigências, como cotas/padronização da produção e prazos preestabelecidos para a entrega. Além disso, percebe-se um rigoroso controle da produção: as agroindústrias *vigiam* a qualidade/quantidade da matéria-prima de cada produtor.

Paralelamente, com a criação da cooperativa local (1964) ocorreu também a expansão do arroz e do milho: principais lavouras cultivadas no município. Em seguida, difundiram-se outras atividades, como os hortigranjeiros, por exemplo.

Com o passar do tempo, novos produtores aderiram ao sistema e a cooperativa ampliou suas instalações, objetivando atender as necessidades dos agricultores que aumentaram gradativamente a área cultivada. A COOPERSULCA conta atualmente com 984 associados (ano 2000) e possui capacidade para processar aproximadamente 30.000 toneladas de arroz/ano. À medida que novos agricultores aderirem ao sistema, as instalações serão ampliadas para atender a produção.

O arroz é o principal cultivo comercial do município de Turvo. De acordo com dados do IBGE, no intervalo de 1970-1995/96, em Turvo, a área cultivada com arroz irrigado teve uma ampliação significativa, ou seja, aumentou de 44,73% para 65,55% em relação ao total. Esse indicador já é suficiente para assinalar a mercantilização da rizicultura, não podendo ser dissociado dos

benefícios creditícios. A rizicultura foi contemplada pela política pública especial do Programa de Recuperação de Várzeas.

Outro cultivo comercial relevante é a fumicultura, que alcançou seu auge na década de 1980. A partir daí a área cultivada sofreu redução, cedendo espaço à rizicultura irrigada. Mesmo assim, ainda é uma lavoura expressiva, principalmente nas áreas de relevo acidentado. Vale destacar que, na terra onde se produz fumo, é comum a prática do sistema de rotação de cultivos: logo após a colheita do fumo, planta-se feijão ou milho. O cultivo do fumo deixa os resíduos de fertilizantes químicos, possibilitando assim dois plantios durante o ano, o que é muito importante para os pequenos estabelecimentos agropecuários.

Em Turvo também se desenvolvem outras atividades especializadas – a criação de suínos e frangos –, exploradas no sistema de integração produtor-indústria, cujos resultados econômicos são fundamentais para o sustento familiar. Além disso, os produtores aproveitam os dejetos para adubar as lavouras de milho, feijão e arroz, ou ainda, para fertilizar pastagens destinadas à pecuária bovina.

Quanto ao associativismo, cabe ressaltar que a relação entre a cooperativa e os associados é intensa. Ela recebe e paga a produção, financia o seu custeio e presta assistência técnica. Além de garantir o beneficiamento e a comercialização, a cooperativa elimina os intermediários, fazendo com que os eventuais ganhos obtidos com o processamento e a comercialização sejam repassados aos agricultores. É importante notar que, antes da instalação da Cooperativa, os produtores eram obrigados a comercializar o arroz com os *atravessadores*. A classificação, o preço e o prazo de pagamento geravam muita discórdia entre os agricultores, destituídos de qualquer poder de barganha.

Muito embora os agricultores considerem a COOPERSULCA uma *empresa moderna que gera lucro*, é importante ressaltar que os eventuais rendimentos líquidos são distribuídos aos associados ou aplicados em melhorias de infra-estrutura e equipamentos. A

decisão é deliberada em assembléia geral, que, na condição de instância máxima da cooperativa, é soberana.

De qualquer forma, os associados da cooperativa manifestaram satisfação com a associação. Eles concebem a cooperativa como empresa moderna cuja maior vantagem, segundo os associados, é a forma de comercialização: ao depositar o produto na cooperativa, o produtor determinará a data do pagamento, recebendo o preço do dia. Além disso, se desejar, o agricultor também pode parcelar o valor a ser recebido de acordo com suas necessidades.

Os produtores de fumo, integrados às empresas fumageiras, revelaram insatisfação com a atividade. Conforme depoimentos registrados, a permanência na atividade expressa-se por mera *obrigação*, ou seja, não sabem o que fazer para permanecer no meio rural.

Em contrapartida, os produtores de aves e suínos, também integrados, manifestaram que o rendimento de tais atividades é compensador. Uma parcela dos entrevistados já foi fumicultor e eles destacaram as melhorias que fazem na unidade de produção e também na qualidade de vida, principalmente no quesito saúde. Além da renda que propicia, a criação fornece adubo para a propriedade, diminuindo os custos de produção, pois substituem o adubo químico.

Em relação à subordinação entre os fumicultores, suinocultores, avicultores e as agroindústrias, pode-se dizer que ela é praticamente a mesma. O que causa desinteresse pela fumicultura é, em primeiro lugar, o ganho; todos declararam ser insuficiente para manter a sobrevivência do grupo familiar. Em segundo lugar, foi apontado o reduzido número de pessoas no grupo familiar. Isto traz implicações, pois a atividade fumageira é exigente em mão-de-obra, acentuando ainda mais a penosidade do trabalho. A contratação de empregados temporários contribuiu para a redução dos rendimentos. A avicultura está em processo de expansão e, conforme declaração dos entrevistados, a maior limitação que enfrenta é o alto custo de implantação do aviário.

Por estarem integrados às agroindústrias ou associados à cooperativa, os produtores familiares usufruíram de financiamentos bancários, incorporando pacotes tecnológicos. Assim, o capital se expandiu nas unidades de produção, provocou mudanças no sistema de uso da terra e na dinâmica do trabalho familiar, alterando as relações do produtor com o mercado. No processo, o produtor familiar subordinou-se ao capital urbano-industrial. Na expressão de WANDERLEY (1985), *tornou-se um trabalhador para o capital*. Entretanto, isso deve ser relativizado, pois mesmo subordinado a normas e regras, o agricultor se “beneficiou” ao garantir mercado para seus produtos. Em contrapartida, ao incorporar as novas tecnologias para aumentar a produtividade, o agricultor alterou a organização interna de sua unidade de produção e, no processo, o segmento familiar passou a desenvolver várias estratégias combinadas para permanecer integrado ao mercado e para manter-se no meio rural.

Presente em todas as unidades de produção pesquisadas, com média de 5 a 15 reses por estabelecimento, a pecuária bovina é outra atividade relevante para a subsistência do grupo familiar, como ilustra o depoimento de um produtor:

Apesar de não ter raça, o gado é muito importante pra nós. Ele fornece carne, leite, queijo e manteiga. A gente, de vez em quando, vende (...) Com o dinheiro fazemos a manutenção dos tratores e de outras máquinas utilizadas pra cultivar o arroz (...) As sobras [leite e queijo] a gente vende, e com o dinheiro compramos combustível pro trator. O dinheiro do arroz, a gente compra trator, outras máquinas e até mesmo um pedaço de terra.

Nas propriedades visitadas, é comum a combinação de atividades de subsistência com a produção de mercado³. Ademais,

³ Embora o mercado seja uma referência para apontar quais produtos devem ser cultivados, os agricultores ainda mantêm os hábitos herdados de gerações anteriores: diversificar a produção visando garantir a sobrevivência. Desse modo, vários produtos continuam sendo cultivados, mesmo que não estejam no rol dos mais bem remunerados pelo mercado.

a pecuária, ou os produtos derivados, geram excedentes comercializáveis, o que possibilita cobrir gastos ocasionados pelas lavouras especializadas: no caso em questão, o arroz, de alto custo de produção. O depoimento de um produtor retrata bem a realidade dos rizicultores:

“o custo de produção está muito alto (...) nos últimos anos, os fertilizantes, a semente, os agrotóxicos e o combustível pro trator aumentaram muito, as peças e a manutenção dos equipamentos também, mas o preço do arroz continua praticamente o mesmo. Por isso, está cada vez mais difícil continuar trabalhando na roça”.

A modernização tecnológica da produção aumentou consideravelmente a produtividade dos cultivos e criação, mas o agricultor ampliou seus vínculos com o mercado, ora para comprar insumos e máquinas, ora para vender a produção ou adquirir outros bens que não produz. Com as atividades especializadas, os custos de produção ampliaram e a resultante disso foi o aprofundamento da mercantilização da agricultura. Assim, para cobrir os custos com máquinas, equipamentos e insumos químicos e se manter no meio rural, os agricultores são impelidos a produzir cada vez mais.

A tecnologia e o trabalho na produção familiar

É importante assinalar que, no município de Turvo, a tecnologia possibilitou a incorporação de grandes áreas alagadiças ao uso agrícola. As técnicas de irrigação e drenagem ampliaram a área cultivada com arroz e, como relembra Delgado (1985), diante do progresso tecnológico, a agricultura se tornou menos dependente do *laboratório natural*: a terra.

Nos pequenos estabelecimentos, normalmente a terra é a única fonte de renda familiar, daí a necessidade de aproveitar intensivamente cada parcela do espaço. O baixo percentual (1,94%) da área em descanso ou produtivas não-utilizadas evidencia o elevado grau de aproveitamento da terra no município de Turvo.

No que diz respeito à mecanização do processo produtivo, o município de Turvo conta com elevado número de máquinas de alta potência, o que não se coaduna com as especificidades agrárias locais. Segundo dados do IBGE, 1995/96, havia ali 812 tratores, além de 1272 máquinas agrícolas de tração mecânica. No intervalo de 1970 a 1996, os tratores de pequeno porte (<50 CV) diminuíram 73,82% enquanto os de grande porte (50 CV e mais) aumentaram em 745,55%. A explicação para esse incremento recai sobre a facilidade de obter financiamentos bancários com incentivos governamentais, destacando-se o Sistema Nacional de Crédito Rural/SNCR (1965) e o Programa PROVARZEAS (1981). O elevado número de tratores no município, principalmente os de alta potência, tornou-se motivo de preocupação para os profissionais ligados à agropecuária, evidenciada no Plano Municipal de Desenvolvimento Rural. Um dos problemas relacionados com a mecanização da agricultura é que o *“super dimensionamento de máquinas e equipamentos tem elevado o custo de produção. A solução para os minifúndios é a aquisição de máquinas em grupo ou terceirização dos serviços de máquinas”*. A maioria dos entrevistados (66%) informou que as máquinas estão ociosas na unidade agrícola. De acordo com os produtores, essa maquinaria lhes permite explorar uma área agrícola bem superior.

Como afirma GONÇALVES (1987), os bancos condicionam o agricultor a usar determinada máquina, fertilizante, corretivo ou defensivo, garantindo mercado para os produtos de grandes indústrias, num jogo de benefícios recíprocos e em cadeia: os bancos beneficiam as indústrias e também se beneficiam, pois as indústrias dependem dos bancos para terem seu capital de giro e crédito, que é repassado ao produtor rural, para que este compre insumos e máquinas.

Em relação à mão-de-obra ocupada nas atividades agropecuárias, no município de Turvo, independentemente do tamanho do estabelecimento, predomina o trabalho familiar. É importante salientar que, nas explorações familiares, a modernização tecnológica é parcial. Mesmo assim, nos sistemas

agrícolas especializados, as relações de trabalho foram alteradas, reduzindo a necessidade de mão-de-obra. O arroz exemplifica bem a questão: antes da mecanização, o plantio, os tratos culturais e a colheita ocupavam muita mão-de-obra; mas, com a modernização tecnológica, grande parte dos trabalhadores foram substituídos por máquinas.

Muito embora também seja atividade especializada, o cultivo do fumo demanda muita mão-de-obra que, em sua maioria, provém do grupo familiar. Em alguns casos, utiliza-se mão-de-obra assalariada temporária, oriunda de outras unidades de produção, onde está disponível, seja porque a família é grande, seja porque a terra é insuficiente.

Algumas estratégias de reprodução e o projeto futuro das explorações familiares

As explorações familiares adotam estratégias variadas para viabilizar a reprodução social do grupo doméstico. Este é um fenômeno histórico comum em todos os países onde se desenvolve a agricultura familiar.

No município de Turvo, no curso da modernização tecnológica da agricultura, mais propriamente na década de 1990, sob a influência da cooperativa local e da Empresa de Pesquisa Agropecuária, alguns produtores de arroz lançaram mão de estratégias para permanecer no mercado e no meio rural. Neste sentido, merece destaque a produção de arroz orgânico que se desenvolve através da técnica da rizipiscicultura, ou seja, o cultivo de arroz associado à criação de peixes nos tabuleiros do arroz irrigado. Tal sistema diminuiu o emprego de defensivos químicos, pois os peixes alimentam-se de plantas daninhas e larvas de insetos, nocivos à lavoura do arroz. Além disso, tal prática dispensa o uso constante de aragens, uma vez que os peixes também revolvem a camada superficial do solo. Além de reduzir o impacto ambiental negativo, em face da diminuição do uso de agrotóxicos, a rizipiscicultura reduz os custos de produção. O arroz orgânico destina-se ao suprimento de nichos de mercado, tornando-

se uma alternativa de renda para os produtores: além dos ganhos obtidos com a safra anual do arroz, ele comercializa o peixe durante o ano.

Os produtores familiares de Turvo lançam mão de outras estratégias tendo por base a diversificação e a combinação de atividades agrícolas, relacionada a cultivos e criação de animais. A rizicultura se desenvolve também associada à *pecuária rústica* ou mesmo com outras especializações, como é o caso da criação de frangos e/ou suínos. Estas, por sua vez, associam-se ao cultivo de milho e de arroz, juntamente com outras atividades de subsistência com excedentes comercializáveis.

Observou-se que, nas unidades agrícolas voltadas à exploração da fumicultura, avicultura ou suinocultura, a diversificação produtiva é maior que na rizicultura. A justificativa para isso é que as agroindústrias incentivam os integrados a cultivar em lavouras de subsistência. Segundo (BESKOV, 1980, p.117),

“... há uma preocupação da agroindústria em especializar o pequeno produtor na produção de uma determinada matéria-prima, mas sem desestimular o seu cultivo de subsistência – na medida em que parte da reprodução da força de trabalho familiar é feita através do cultivo de subsistência, o preço pago ao produtor pela indústria pode ser mais baixo”.

A lógica de reprodução nas pequenas unidades de produção é bastante heterogênea, o grupo familiar é dinâmico e capaz de elaborar estratégias que viabilizam sua reprodução, adequando-se às exigências de mercado, ainda que este imponha condições adversas à sua situação endógena. Ao comentar sobre a diversificação da produção agropecuária, WANDERLEY (1995, p.42) observou que

“...a diversificação das atividades é uma estratégia muito freqüentemente adotada pelos agricultores brasileiros, a tal ponto que constituiu uma de suas principais características(...) o esforço de diversificação se destina,

não só a ampliar o leque de produtos comercializáveis, mas igualmente a garantir o autoconsumo”.

Também comentando a realidade da agricultura contemporânea, BERGAMASCO e BUENO (1998) relembram que a agricultura familiar usa estratégias, não apenas para se manter enquanto unidade produtiva, mas para assegurar a reprodução e a integração aos circuitos mercantis, demonstrando capacidade para criar mecanismos que se adaptem ao mercado, ainda que o objetivo seja a reprodução da unidade.

Estas ponderações mostram a importância e o significado das estratégias usadas pela agricultura familiar para permanecer no mercado, manter a unidade produtiva e se reproduzir. O esforço das famílias rurais, no município de Turvo, evidencia claramente a questão.

Em relação especificamente ao patrimônio fundiário, cumpre assinalar que a terra é considerada a base fundamental para reprodução do núcleo familiar. Por isso, são definidas estratégias que visam extrair dela o máximo proveito possível.

Para os agricultores de Turvo, o significado da terra transcende o sinônimo de fator de produção: ela é mais que isso, como comprovam afirmações dos produtores que assim se manifestaram:

“significa a sobrevivência de nossa família. A gente cuida bem da terra que temos, vender nem pensar, ao contrário, estamos pensando em comprar mais...”; ou “...para nós ela representa tudo, é daqui que nós tiramos o sustento de nossa família. Tenho filhos e netos, todos trabalhando juntos, para poder sobreviver...”; ou ainda “...esta terra era de meu pai (...) já trabalhei nela 30 anos, e vou trabalhar mais 20. Depois vou deixar para os meus filhos”.

Estas declarações mostram que a unidade agrícola tem por finalidade satisfazer as necessidades do grupo familiar.

Os entrevistados demonstraram preocupação com a permanência dos filhos na propriedade. A compra de novas áreas foi concebida como projeto a ser concretizado, mesmo que a longo

prazo. A venda da terra foi considerada uma atrocidade, ou seja, o agricultor que vende a terra assume o estigma de fracassado, podendo também perder sua identidade.

Para o segmento familiar, qualquer investimento material, ou mesmo a realização do trabalho na unidade agrícola ou fora dela, fazem parte das estratégias de reprodução da família. A constituição do patrimônio fundiário, a alocação dos seus diversos membros no interior do estabelecimento ou fora dele e a intensidade do trabalho são orientados para assegurar a sobrevivência imediata ou futura das gerações. Como diz WANDERLEY (1999, p.27), *“...a família define estratégias que visam, ao mesmo tempo, assegurar sua sobrevivência imediata e garantir a reprodução das gerações subsequentes.”*

Indagados sobre a vida no campo, os entrevistados expressaram-se de formas variadas e duas merecem destaque: *“eu prefiro morar no campo, porque a gente planta de tudo e assim conseguimos ter uma boa alimentação pra família”, “é muito boa, nós temos o conforto da cidade e a tranquilidade do campo. Temos telefone, luz elétrica e boas estradas...”*. Comentando sobre a questão, SCHNEIDER (1999: 91) diz que *“a vida no campo, antes sinônimo de atraso e privação, crescentemente passa a ser vista como um privilégio quando comparada ao trabalho, à alimentação, à segurança e à qualidade de vida...”*, aspectos de fundamental importância para a sociedade como um todo.

Contudo, a reprodução futura dos agricultores familiares em Turvo está ameaçada pela escassez de terras agrícolas disponíveis, pois a forma de transmissão do patrimônio fundiário pela sucessão hereditária vem provocando o parcelamento crescente das propriedades. Se a exigüidade das parcelas provocada pela divisão já não fosse o problema, desponta outro, ou seja, a terra passa a ser motivo de disputa e discórdia entre os membros do grupo familiar. Sobre esta questão, um agricultor teceu o seguinte comentário:

“quando meu pai morreu, em 1982, a herança da propriedade [30 ha. para cinco irmãos] deu uma grande confusão. A terra que ele tinha era pequena e a família

enorme. Todos queriam as terras mais planas, que era pra plantar arroz (...) agora eu fico aqui pensando: eu tenho 3 filhos, de que forma eu vou dividir esse pedacinho de terra”.

É importante salientar que, no município de Turvo, ou mesmo nas proximidades, não existe um pólo industrial capaz de absorver parte da mão-de-obra. As atividades não-agrícolas poderiam complementar a renda do produtor familiar. Mas o pólo industrial mais próximo de Turvo é o complexo cerâmico de Criciúma, distante 80 km da área de estudo. E, não se pode esquecer que o complexo cerâmico, como outros segmentos industriais e como a própria agricultura, vem passando por um processo de reestruturação tecnológica, o que implica substituição da mão-de-obra pelas máquinas.

Considerações finais

As mudanças ocorridas no espaço agrário, particularmente nas unidades de produção familiar em Turvo, só podem ser compreendidas se associadas ao processo de transformação ocorrido na economia nacional e internacional.

O modelo de modernização agrícola viabilizado por mecanismos políticos e financeiros, crédito subsidiado, assistência técnica e pesquisa agropecuária, ao mesmo tempo que estimulou uma parcela dos agricultores à modernização das atividades agropecuárias, tornando-os mais competitivos e integrados à lógica de produção capitalista, marginalizou aqueles que, por motivos diversos, não conseguiram adotar as inovações tecnológicas.

No município de Turvo, as explorações familiares aumentaram os vínculos com o capital industrial, e isto provocou mudanças na estrutura da produção agrícola. Assim, desenvolveram-se atividades agrícolas especializadas movidas por insumos químicos e máquinas, objetivando abastecer o mercado, possível apenas porque o segmento integrou-se às agroindústrias ou cooperativas que os *forçaram* a recorrer a financiamentos bancários.

O uso de máquinas de elevada potência, sobretudo tratores, é inadequado a uma estrutura fundiária constituída por pequenas propriedades, como é o caso de Turvo. As máquinas super dimensionadas e a utilização de insumos químicos vêm impondo aumento na escala de produção, pois os agricultores passam a ter mais custos, sendo *obrigados* a produzir mais para se manter na atividade. Esses fatores, em conjunto, estão dificultando a reprodução social e econômica do segmento familiar.

Apesar das transformações estruturais nas atividades agropecuárias, em face da política de modernização, as pequenas unidades agrícolas adequaram-se à lógica da produção contemporânea. Além disso, a característica familiar de produção foi mantida, pois a propriedade fundiária da terra continua pertencendo à família.

Contudo, em face dos custos econômicos requeridos pelas atividades especializadas, o segmento familiar lança mão de estratégias de reprodução variadas, destacando-se a diversificação da produção para subsistência, cujos excedentes são comercializados. A revitalização da agroindústria artesanal caseira, o uso de práticas orgânicas e a exploração de atividades não agrícolas, como, por exemplo, o agroturismo, se implementado poderá constituir-se como alternativa de renda complementar para as propriedades familiares.

Referências bibliográficas

- ALMEIDA, J. **A Construção social de uma nova agricultura:** tecnologia agrícola e movimentos sociais no sul do Brasil. Porto Alegre: UFRGS, 1999. 214 p.
- BERGAMASCO, S.M.P.; BUENO, O. C. “Agricultura familiar e poder local: um exercício de cidadania”. In: **Para pensar outra agricultura**. FERREIRA, A.D.D. e BRANDENBURG, A. (orgs). Curitiba, Paraná: UFPR, 1998. p.103-129.
- DELGADO, G.C. da. **Capital financeiro e agricultura no Brasil**. São Paulo: UNICAMP, 1985. 239 p.

- FAO/INCRA. **Perfil da agricultura familiar brasileira**, 1996. 24p.
- GRAZIANO DA SILVA, J. **A Modernização dolorosa**: estrutura agrária, fronteira agrícola e trabalhadores rurais no Brasil. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1982. 192 p.
- _____. **Tecnologia e agricultura familiar**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 1999. 238 p.
- GONÇALVES, C.W.P. **Paixão da terra**: ensaios críticos de ecologia e geografia. Rio de Janeiro: ROCO, 1987. 160 p.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Censo Agropecuário de Santa Catarina**, 1970, 1980 e 1995/96. Rio de Janeiro.
- _____. **Contagem da População – SC**, 1995/96. Rio de Janeiro, IBGE.
- MARTINE, G.; BESKOW, P.R. “O Modelo, os instrumentos e as transformações na estrutura de produção agrícola”. In: **Os impactos sociais da modernização agrícola**. MARTINE, G. e GARCIA, R.C. (orgs.) São Paulo: Caetés, 1987. p.19-39.
- OLIVEIRA, A.U. **Modo capitalista de produção e agricultura**. São Paulo: Ática, 1991. 164 p.
- _____. “Geografia e território: desenvolvimento e contradições na agricultura”. In: **Anais do XII Encontro Nacional de Geografia Agrária** v.1. 1995. p.17-58.
- TEDESCO, J.C. **Terra, trabalho e família**: racionalidade produtiva e *ethos* camponês. Passo Fundo: EDIUPF, 1999. 331p.
- _____. **Um pequeno grande mundo**: a família italiana no meio rural. Passo Fundo: EDIUPF, 2001. 110 p.
- WANDERLEY, M.N.B. “A Agricultura familiar no Brasil: um espaço em construção”. In: **Revista da associação brasileira de reforma agrária**. Ed. Páginas e Letras. N. 2 e 3. v. 25, Maio-dez/1995. Rio Claro/SP. p. 37-57.